

O IMPACTO DA VIOLÊNCIA RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES E PROPOSTAS

THE IMPACT OF RACIAL VIOLENCE IN THE SCHOOL CONTEXT: REFLECTIONS AND PROPOSALS

EL IMPACTO DE LA VIOLENCIA RACIAL EN EL CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXIONES Y PROPUESTAS

Catiana Nery Leal¹
Rafael Casaes de Brito²
Maria de Fátima Ferreira de Andrade³
Benedito Gonçalves Eugenio⁴

Manuscrito recebido em: 06 de setembro de 2024.

Aprovado em: 04 de dezembro de 2024.

Publicado em: 31 de dezembro de 2024.

Resumo

O artigo examina o racismo no contexto escolar, com foco na violência racial, suas manifestações, impactos e estratégias de enfrentamento. Com base em uma revisão bibliográfica, analisa-se o efeito do racismo estrutural na vida dos estudantes negros, fundamentado em autores como Arendt, Fanon, Gomes e Munanga. As discussões e reflexões apresentadas revelam que o racismo, como fenômeno profundamente enraizado nas estruturas sociais, afeta amplamente a trajetória dos estudantes negros, impactando diversas dimensões de suas vidas, desde a autoestima e saúde emocional até o desempenho escolar.

Palavras-chaves: Violência racial; Contexto escolar; Impactos.

Abstract

The article examines racism in the school context, focusing on racial violence, its manifestations, impacts and coping strategies. Based on a bibliographical review, the effect of structural racism on

¹ Doutoranda em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa da Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola - olhar, pensar e agir sobre a formação de valores, atitudes e permanência do aluno na sala de aula.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7985-3740> Contato: catiananery@gmail.com

² Doutorando em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1879-9001> Contato: rafaelc.brito@hotmail.com

³ Pós-Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia. Professora no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Rede Nordeste de Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares e da Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola-olhar, pensar e agir sobre a formação de valores, atitudes e permanência do aluno na sala de aula.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4094-6741> Contato: mfatimauesb@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Universidade de Campinas. Professor no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenador do grupo Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5781-764X> Contato: benedito.eugenio@uesb.edu.br

the lives of black students is analyzed, based on authors such as Arendt, Fanon, Gomes and Munanga. The discussions and reflections presented reveal that racism, as a phenomenon deeply rooted in social structures, widely affects the trajectory of black students, impacting several dimensions of their lives, from self-esteem and emotional health to school performance.

Keywords: Racial violence; School context; Impacts.

Resumen

El artículo examina el racismo en el contexto escolar, centrándose en la violencia racial, sus manifestaciones, impactos y estrategias de afrontamiento. A partir de una revisión bibliográfica se analiza el efecto del racismo estructural en la vida de los estudiantes negros, a partir de autores como Arendt, Fanon, Gomes y Munanga. Las discusiones y reflexiones presentadas revelan que el racismo, como fenómeno profundamente arraigado en las estructuras sociales, afecta ampliamente la trayectoria de los estudiantes negros, impactando varias dimensiones de sus vidas, desde la autoestima y la salud emocional hasta el desempeño escuela.

Palabras clave: Violencia racial; Contexto escolar; Impactos.

Introdução

Este artigo se propõe a analisar o racismo no ambiente escolar, destacando a gravidade do problema e a necessidade urgente de sua prevenção e combate nas interações sociais dentro da escola. Nele, o racismo está sendo abordado como objeto de reflexão teórica, a partir de uma revisão bibliográfica que se reflete nas obras e estudos de referenciais selecionados que discutem os impactos da violência, explorando suas manifestações, as consequências para o cotidiano escolar e as estratégias necessárias para a construção de uma escola antirracista e não violenta.

A violência racial no Brasil permanece uma realidade complexa e persistente, refletindo-se de diversas formas no ambiente escolar, com impactos diretos na formação acadêmica e no desenvolvimento dos estudantes negros e não-brancos. O ciclo entre violência, abuso de poder e racismo intensifica as desigualdades sociais no país, criando um contexto de subordinação que se perpetua ao longo do tempo.

De acordo com Borja e Pereira (2018) essa visão eurocêntrica, ao desumanizar povos não europeus, rejeitou suas culturas, conhecimentos e estruturas sociais, impondo um modelo único que marginalizava as outras formas de saber. Esse processo, conhecido como epistemicídio, foi imposto pelos colonizadores, estabelecendo a primazia do conhecimento europeu no Brasil e aprofundando a subordinação racial. Como resultado, a educação no Brasil continua sendo marcada por essas desigualdades históricas, refletindo os efeitos da colonização e seus legados raciais e epistemológicos.

Arendt (2009) diferencia poder e violência, argumentando que a violência é uma expressão de impotência, que surge onde o poder legítimo é fraco ou inexistente. Para ela, a violência nunca é legítima, pois é sempre instrumental, um meio para atingir um fim que, por sua natureza destrutiva, pode acabar por minar as bases do poder que a sustenta. Essa perspectiva sugere que a violência deve ser analisada em diferentes níveis, individual, estrutural, simbólico e cultural e que sua compreensão depende do contexto social, histórico e político em que ela se manifesta.

Nesta perspectiva, Fanon (2003) evidencia a violência no contexto colonial, considerando-a uma resposta inevitável e necessária à opressão colonial. Ele argumenta que, para os colonizados, a violência é um meio de recuperar a dignidade e a humanidade roubadas pelo colonizador, desempenhando um papel catártico ao permitir que os oprimidos rejeitem a internalização da inferioridade imposta. Além disso, Fanon desafia visões tradicionais que condenam a violência em todas as circunstâncias, propondo que, no contexto colonial, a violência pode ser vista como um mecanismo de resistência e transformação social. No entanto, essa ideia levanta questões éticas complexas sobre as consequências da violência, tanto para os indivíduos quanto para as sociedades envolvidas.

Segundo Pino (2007), algumas palavras, embora naturalmente polissêmicas e abertas a múltiplas interpretações, possuem um potencial evocativo tão forte que provocam reações racionais ou emocionais intensas nas pessoas. Esse é o caso da palavra "violência" e seus adjetivos relacionados, cujo poder evocativo é tão grande que a força de seu sentido supera a de seu significado literal.

Com base nos estudos de autores renomados como Gomes (2012) e Munanga (2003), compreende-se que o preconceito racial é uma presença constante nos espaços escolares. Esses autores destacam que o racismo estrutural no Brasil se reflete nas escolas por meio de práticas discriminatórias e currículos que frequentemente invisibilizam a história e a cultura afro-brasileira. Tais práticas perpetuam a violência simbólica, contribuindo para a marginalização de estudantes negros e reforçando estereótipos raciais. Além disso, como aponta Almeida (2019), a violência racial não se manifesta apenas através de agressões físicas, mas também por meio de formas sutis de exclusão e microagressões, que têm efeitos profundos na autoimagem e no desempenho acadêmico dos estudantes.

Nesse sentido, faz-se necessário que a escola não apenas reconheça a presença dessas violências, mas também adote uma postura ativa na sua erradicação. Segundo Candau (2008), a construção de uma escola inclusiva e antirracista passa pela revisão crítica das práticas pedagógicas e pelo fortalecimento de uma educação em direitos humanos que promova o respeito à diversidade e à equidade racial. Assim, é importante refletir sobre as raízes da violência racial no contexto escolar e sugerir intervenções que possam transformar a escola em um espaço de resistência, liberdade e emancipação para todos os estudantes.

De acordo com Tuono e Vaz (2017), o preconceito racial, frequentemente manifestado entre os estudantes nas escolas, é resultado da falta de conhecimento. Portanto, é essencial que o professor promova reflexões sobre os critérios e parâmetros utilizados para a definição de violência em sala de aula, buscando estratégias para trabalhar com a consciência moral, ética e cultural nas práticas pedagógicas. Desse modo, poderá levar os estudantes a pensar e questionar e proporcionar condições de desenvolvimento da capacidade de estabelecer valores, saberes e agir de maneira coerente com eles.

Enfim, o combate ao preconceito racial na escola requer uma abordagem educativa que vai além do conteúdo acadêmico tradicional, incluindo a formação moral, ética e cultural dos estudantes. Ao discutir essas dimensões em sala de aula, os professores ajudam a desenvolver nos estudantes a capacidade de refletir sobre valores e saberes, levando-os a agir de maneira consciente e coerente em relação às questões raciais.

Manifestações da violência racial na escola

A violência racial no ambiente escolar é uma questão complexa e crítica, que afeta a vivências de experiências educacionais e o bem-estar dos estudantes. Estudos revelam que manifestações de racismo, como insultos, preconceitos, discriminação e agressões racistas são comuns nas escolas e têm um impacto devastador sobre a autoestima e o desempenho escolar dos estudantes negros e de outras minorias étnicas.

O racismo está imbricado a questões econômicas, sociais e políticas e, de modo múltiplo, as agressões racistas nem sempre são manifestações explícitas, direta, para atingir o outro, contudo, todas as formas de racismo causam traumas nas vítimas e, na

escola, influencia no desempenho do aluno. Segundo resultados de um estudo conduzido por Frazier e colaboradores (2021), esses comportamentos não apenas prejudicam o ambiente escolar, mas também perpetuam um ciclo de desigualdade e exclusão social. A exposição constante a tais formas de violência pode resultar em problemas psicológicos, como ansiedade e depressão, além de aumentar a taxa de evasão e abandono escolar entre os estudantes afetados.

Além dos impactos individuais, a violência racial nas escolas reflete e reforça as desigualdades estruturais mais amplas que, segundo Candau (2008), estão profundamente enraizadas nas práticas escolares. Muitas vezes, as instituições não conseguem implementar políticas eficazes para combater a discriminação racial, o que acaba criando um ambiente onde preconceitos se manifestam com facilidade. Esse cenário não apenas compromete o direito dos estudantes a uma educação segura e inclusiva, mas também fortalece as divisões raciais existentes. As diferenças entre grupos étnicos frequentemente resultam em conflitos, nos quais um grupo partilha crenças e valores semelhantes, levando uma vida considerada "estável", enquanto o outro grupo, que não compartilha das mesmas crenças, enfrenta tensões e desentendimentos.

De acordo com Candau (2008), a violência não se limita apenas às interações entre indivíduos; muitas vezes, reflete um sistema social que perpetua a violência institucionalizada. Esse tipo de violência é resultante de uma administração educacional que não visa corrigir as desigualdades no acesso ao conhecimento, é um dos fatores que contribuem para o cenário de violência observado nas escolas. Nesse aspecto, Silva (2001), enfatiza que os currículos, programas, materiais e práticas pedagógicas no ocidente tendem a favorecer os valores europeus, em detrimento dos valores de outros grupos Étnico-Raciais presentes na sociedade. Frequentemente, os valores desses grupos são ocultados ou apresentados de maneira a não confrontar os valores predominantes.

A representação de pessoas negras nos materiais escolares, mesmo quando ausente, é influenciada por uma série de estereótipos que impactam tanto a formação da consciência sociocultural coletiva quanto a individual. Ao internalizar uma imagem inferiorizada, pode-se gerar auto-rejeição e dificultar o reconhecimento e respeito pelos negros por parte de pessoas de outras raças e etnias (Silva, 2011).

Uma definição importante que evidencia o racismo como forma de violência grave é apresentada por Michaud (1989), ao considerar que há violência quando em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, em sua integridade física, moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais, as quais estão inseridos estudantes negros.

Desconsiderar as diferenças culturais dos estudantes pode ser considerado um ato de violência, uma vez que impede o aluno de compreender sua própria identidade e a do grupo ao qual pertence. Em 9 de janeiro de 2003, o Governo Federal aprovou a Lei 10.639, que exige a inclusão da História e Cultura afro-brasileiras nos currículos escolares, com o objetivo de reduzir os impactos do racismo nas instituições de ensino. Porém, 20 anos se passaram desde a promulgação desta Lei, e ainda pouco se fala e aplica uma educação para as Relações Étnico-Raciais positiva no ambiente escolar, pois ainda não existe uma atenção adequada para implementar o campo na formação inicial e continuada de professores.

Para Cavalleiro (2000), as questões raciais na maioria das escolas não são levadas em conta no fazer profissional, e desse modo, o cotidiano escolar nem sempre os agentes estão conscientes de que a manutenção de preconceitos seja um problema. No caso específico da violência racista, ela pode ser física e/ou psíquica. Nos dois tipos, a identidade da pessoa negra é destruída, ocorre a subtração da vontade da pessoa negra de explorar suas potencialidades, assim como o pensamento negro é acuado e acochado pela dor da pressão racista (Costa, 1986). Diante disso, Bento (2004) aponta o racismo como o principal fator promotor de desigualdades e tratamento discriminatório no espaço escolar.

Por fim, podemos considerar que, o dia a dia nas escolas revela a posição que as pessoas negras ocupam nesse ambiente. Muitos estudantes acabam aceitando essa falta de reconhecimento, a ponto de desenvolverem uma autoimagem negativa, sentindo-se incapazes e inferiores, e diante de qualquer dificuldade, muitas delas acabam desistindo da escola. Esse e outros impactos serão discutidos no tópico, a seguir.

Impactos da violência racial nos estudantes

O impacto da violência racial nos estudantes é um fenômeno que afeta profundamente o seu desenvolvimento acadêmico e emocional. A violência racial se manifesta de diversas formas, desde agressões explícitas até atitudes discriminatórias mais sutis, afetando especialmente estudantes negros e indígenas. As consequências dessa violência no ambiente escolar são alarmantes, podendo comprometer a autoestima dos estudantes, seu desempenho acadêmico e suas relações sociais.

Gomes (2012) destaca que a escola, em muitos casos, funciona como um reflexo das desigualdades sociais mais amplas, perpetuando estereótipos raciais e limitando as oportunidades dos estudantes pertencentes a grupos minoritários. Pino (2007) argumenta que a dificuldade em definir o que constitui uma ação violenta pode agravar o problema, pois as percepções da violência são frequentemente moldadas por fatores emocionais e culturais. Esse cenário cria desafios na implementação de políticas eficazes, pois o que é visto como violento por alguns pode não ser reconhecido como tal por outros.

Munanga (2003) sublinha que a violência racial pode gerar sentimentos de inferioridade, afetando a confiança dos estudantes em suas capacidades e impactando negativamente sua participação escolar. A exclusão social é uma consequência visível desse processo, com estudantes vítimas de racismo frequentemente se vendo marginalizados, o que pode levar à evasão escolar, como aponta Moura (1988). Além disso, a discriminação racial contribui para o fracasso escolar, pois os estudantes acabam internalizando as expectativas negativas impostas pela sociedade.

Diante desse contexto, a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, representa um avanço importante. Contudo, sua efetividade depende da formação contínua dos educadores, como defende Carneiro (2005). Para que a lei seja transformadora, os professores precisam ser capacitados a lidar com as questões raciais de maneira crítica, promovendo uma educação que valorize as identidades dos estudantes negros e indígenas.

A formação de professores desempenha um papel essencial na construção de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Silva (2004) sugere que a capacitação docente deve ser abrangente, promovendo uma compreensão crítica sobre as questões raciais e ajudando os educadores a lidar com a diversidade de forma eficaz. Só por meio dessa formação contínua será possível enfrentar os desafios impostos pela violência racial e criar um ambiente escolar mais justo para todos.

Em síntese, os impactos da violência racial são vastos, afetando a saúde emocional, as relações sociais e o desempenho acadêmico dos estudantes. Portanto, é urgente que as escolas adotem práticas pedagógicas que promovam a igualdade racial, a inclusão e o respeito à diversidade, ajudando a combater os efeitos negativos do racismo na educação.

As leis nº 14.811/2024 e nº 4.887/2023 representam avanços significativos no combate à violência nas escolas, com foco especial na discriminação racial. Ambas são fundamentais para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e seguro, com medidas legais que visam proteger os direitos dos estudantes, promover a igualdade racial e garantir a implementação de políticas públicas contra o racismo e outras formas de violência.

A Lei nº 14.811/2024 foca principalmente na proteção de crianças e adolescentes em casos de bullying e cyberbullying, frequentemente manifestados em formas de agressão psicológica e social (Brasil, 2024). Ela prevê ações preventivas para combater essas práticas, além de exigir que as instituições de ensino se responsabilizem pelo acompanhamento e prevenção de comportamentos violentos. Portanto, a lei também estabelece a exigência de um monitoramento mais rigoroso dos antecedentes criminais dos educadores e profissionais da educação, criando mecanismos para aumentar a segurança no ambiente escolar. O objetivo é proporcionar um espaço onde todos os alunos possam estudar sem o temor de sofrer qualquer tipo de violência, refletindo um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por sua vez, a Lei nº 4.887/2023 é de extrema importância no enfrentamento do racismo estrutural dentro das escolas (Brasil, 2023). Ela propõe medidas para eliminar práticas discriminatórias e reforçar o compromisso com a diversidade e a inclusão racial. A lei determina que as escolas adotem políticas de combate ao racismo, criando práticas pedagógicas que promovam o respeito à identidade e cultura dos estudantes negros e indígenas. Ela busca garantir que a violência racial, muitas vezes invisibilizada ou minimizada, seja identificada e combatida adequadamente, com a punição de comportamentos discriminatórios e a implementação de estratégias que proporcionem um ensino mais equitativo e inclusivo para todos.

Essas duas legislações se complementam, reforçando a necessidade de um ambiente educacional onde todas as formas de violência sejam combatidas, com ênfase no enfrentamento do racismo. As escolas devem ser espaços de acolhimento, segurança e

valorização da diversidade. A implementação dessas leis exige, no entanto, a formação contínua de professores e gestores escolares, para que possam reconhecer e tratar as questões de violência e discriminação racial com a devida seriedade, promovendo uma educação mais inclusiva e antirracista

Estratégias e propostas para o combate à violência racial

O combate à violência racial no contexto escolar é uma tarefa complexa e urgente e exige ações multifacetadas que vão desde a formação continuada de professores até a implementação de políticas públicas eficazes. Para enfrentar esse desafio, é eficaz que a escola se torne um espaço de valorização da diversidade racial e de promoção da equidade.

Neste texto, abordamos três pilares fundamentais para combater a violência racial: a formação continuada de professores em educação antirracista, a implementação de projetos e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade racial e a importância de políticas públicas voltadas para a igualdade racial.

A formação continuada de professores é uma estratégia importante para o combate à violência racial nas escolas. Os professores precisam estar preparados para identificar e enfrentar manifestações de racismo, muitas vezes sutis, que podem ocorrer no ambiente escolar. Segundo Silva (2004), a capacitação dos professores deve incluir não apenas conhecimentos teóricos sobre a história e a cultura afro-brasileira e indígena, mas também, práticas pedagógicas que permitam o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao racismo. A formação continuada, portanto, deve ser um processo permanente, que ofereça aos professores ferramentas e recursos para promover uma educação antirracista de forma efetiva.

Assim, para enfrentar a violência racial, é essencial que a escola desenvolva projetos e práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade racial. Essas iniciativas devem buscar desconstruir estereótipos e promover o reconhecimento das contribuições das culturas afro-brasileira e indígena para a formação da identidade nacional. Assim, Cavalleiro (2000) aponta que a inclusão de conteúdos que reflitam a diversidade racial no currículo escolar é decisiva para combater o preconceito e a discriminação, além de fortalecer a autoestima dos estudantes negros. Projetos como rodas de conversa, oficinas

culturais e a celebração de datas comemorativas relacionadas à cultura afro-brasileira são exemplos de práticas que podem ser incorporadas ao cotidiano escolar para promover a inclusão e a valorização da diversidade. Mas, ressaltamos a importância dessas abordagens acontecer para além de data específicas, essas discussões devem perpassar o currículo durante todo o ano letivo.

A implementação de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial é um dos pilares para o combate à violência racial nas escolas. A Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, é um exemplo de política pública que busca enfrentar o racismo estrutural no sistema educacional. No entanto, conforme aponta Carneiro (2005), a efetividade dessas políticas depende de sua implementação consistente e do apoio contínuo das autoridades educacionais. Além disso, é necessário que as políticas públicas sejam acompanhadas de programas de formação de professores, recursos didáticos adequados e ações de monitoramento e avaliação para garantir que as diretrizes sejam seguidas de maneira eficaz.

Sob essa perspectiva, combater a violência racial nas escolas exige uma abordagem ampla, que envolva a capacitação contínua dos professores em educação antirracista, o desenvolvimento de projetos pedagógicos que promovam a valorização da diversidade racial e o fortalecimento de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial. A implementação dessas estratégias pode transformar o ambiente escolar em um espaço de acolhimento, respeito e valorização da diversidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Considerações finais

Ao longo desse trabalho, exploramos a presença e os efeitos da violência racial no ambiente escolar, ressaltando suas manifestações e impactos sobre os estudantes, além de discutir a importância de ações para o desenvolvimento de uma escola antirracista. A violência racial vai além de ser um problema individual; ela reflete as desigualdades estruturais da sociedade, manifestando-se de maneira significativa nas instituições de ensino.

Os estudos de Gomes (2012), Munanga (2003) e outros pesquisadores indicam que o racismo no ambiente escolar afeta gravemente a autoestima, o desempenho acadêmico e as expectativas de futuro dos estudantes negros e indígenas. Diante dessa realidade, é imprescindível que a escola adote uma postura ativa, reconhecendo essas violências e implementando medidas concretas para combatê-las.

A formação continuada dos professores em práticas educativas antirracistas é fundamental nesse contexto, capacitando-os a identificar e enfrentar as diversas formas de racismo que podem surgir na escola. Além disso, é crucial a criação de projetos pedagógicos que valorizem a diversidade racial, ajudando a desconstruir estereótipos e a promover um ambiente inclusivo e respeitoso. O fortalecimento das políticas públicas, como a plena implementação da Lei 10.639/2003, também é essencial para garantir que essas mudanças sejam duradouras e eficazes. Portanto, combater a violência racial nas escolas demanda uma abordagem ampla, que integre a formação contínua dos educadores, a inclusão da valorização da diversidade racial nos currículos e o apoio de políticas públicas. Somente assim será possível transformar as escolas em espaços de resistência, acolhimento e promoção da igualdade racial.

Os resultados da discussão e reflexões aqui apresentadas revelam que o racismo, enquanto fenômeno profundamente enraizado na estrutura social, influencia de maneira abrangente a trajetória dos estudantes negros em múltiplas dimensões da vida em sociedade. A violência racial manifesta-se através de práticas discriminatórias que permeiam as instituições sociais e as relações interpessoais, sendo reiterada em diversos espaços da vida cotidiana. Podemos considerar, assim, que o impacto amplo e persistente do tripé violência, poder e racismo, destaca a necessidade de abordagens integradas e abrangentes para combater o racismo, que incluam reformas institucionais, mudanças culturais e políticas públicas. É necessário compreender, portanto, o racismo como um problema sistêmico, exigindo um compromisso contínuo e multifacetado para a construção de uma sociedade igualitária.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

- BENTO, M. A. S. **Cidadania em preto e branco**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- BORJA, M. E. L.; PEREIRA, C. D. As leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08: reflexões a partir do pensamento crítico acerca da colonialidade do saber. **Cenas Educacionais**, v.1, n.1, p.242-270, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 14.811, de 9 de março de 2024**. Dispõe sobre o combate ao bullying e cyberbullying nas escolas, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2024.
- BRASIL. **Lei nº 4.887, de 16 de novembro de 2023**. Estabelece medidas para combater o racismo estrutural nas escolas e reforçar a promoção da diversidade e inclusão racial. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023.
- CANAU, V. M. Educação intercultural e cotidiano escolar: reflexões a partir da prática. In: CANAU, V. M. (org.). **Educação intercultural na escola**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 13-29.
- CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CAVALLEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Grall, 1986.
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- FRAZIER, P.; TUMMALA-NARRA, U.; GHOSH, P. Racial microaggressions and school climate: the impact on academic performance. **Journal of Educational Psychology**, v.113, n.4, p.765-778, 2021.
- GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores: uma reflexão sobre saberes docentes para a educação das relações étnico-raciais. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v.21, n.37, p.41-54, 2012.
- MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1988.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PINO, A. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo, **Educação e Sociedade**, v.28, n.100, p.763-785, 2007.
- SILVA, A. C. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001,
- SILVA, P. B. G. **Educação e relações raciais: reflexões e desafios para a implementação de políticas públicas**. In: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação Básica, 2004, Brasília. Anais [...]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.
- SILVA, A. C. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.
- TUONO, N. E. F.; VAZ, M. R. T. **O racismo no contexto escolar e a prática docente**. Alagoas: Debate em Educação, 2017.